

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub-Grupo História Oral

A História da Escola de Enfermagem Carlos

Chagas

CARMELITA PINTO RABELO

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

CARMELITA PINTO RABELO

Carmelita Pinto Rabelo nasceu a 16 de novembro de 1937, na Bahia. Concluiu o curso Normal em sua cidade natal, Barra, em 1956. Optou pelo ingresso na carreira de enfermagem “apenas para fugir de uma carreira de magistério primário”. Ingressou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), em 1957, após submeter-se a processo de seleção que “era como um vestibular hoje”.

Carmelita relata que veio para Belo Horizonte com carta de referência do bispo de sua cidade natal para estudar na Escola de Enfermagem Hugo Werneck, atual Escola de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica-MG. Ao conhecer a EECC “fugiu” para a mesma. É com muita riqueza de detalhes que Carmelita narra a sua vida no internato; os primeiros seis meses de curso, denominado de pré-clínico com aulas ministradas pelos catedráticos, médicos da Faculdade de Medicina da UFMG; o recebimento da braceira, com o braço da Cruz de Malta - insígnia que significava o seu preparo para assumir os campos de prática nas enfermarias do Hospital São Vicente de Paulo, atual Hospital das Clínicas da UFMG (HCUFMG).

Após concluir o curso, em 1960, foi convidada para trabalhar no HCUFMG e na EECC. Optou pela Escola aceitando o convite da diretora Irmã Emília Clarizia, por acreditar que seria o melhor caminho para atingir os seus anseios e metas previstas para a sua vida profissional.

A sua primeira atuação como docente foi em Saúde Pública, área que a Escola necessitava de docente, na época. Ainda em 1960 fez estágio, em Unidade Mista da Fundação Serviço Especial de Saúde Pública, na cidade de Pirapora, em Minas Gerais e, no ano seguinte fez curso de especialização em saúde pública, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Marcando sua trajetória na carreira de docente em Saúde Pública, durante a sua permanência em São Paulo, relembra com entusiasmo a convivência com “as ex-pontes da enfermagem”, entre elas, Marina de Andrade Resende.

Participou da mudança da Escola, em 1962, para o atual prédio, mesmo inacabado, como também presenciou o trabalho e esforços envidados pela diretora junto à Faculdade de Medicina para o término da construção, sem sucesso.

Com relação às suas atividades docentes, ministrou diversas disciplinas do curso de graduação, além daquelas de sua área específica da atuação; participou de reformas curriculares, sendo a primeira decorrente da Lei no. 4024 de 20 de dezembro de 1961, que fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional; envolvia-se com as atividades estudantis e com os projetos de extensão ou seja, participava ativamente da vida acadêmica

Em 1967, Carmelita assumiu a diretoria da EECC por indicação da Irmã Maria Carmem Teixeira, então diretora que se afastava do cargo por exigência da congregação de religiosas, e a convite do professor Oscar Versiani Caldeira, diretor da Faculdade de Medicina da UFMG, à qual a Escola estava anexada desde 1950. Assim, foi a primeira diretora leiga após quase 20 anos de direção exercida por religiosas.

O exercício da diretoria mostrou-lhe com mais exatidão as dificuldades pelas quais passava a EECC. Sem orçamento próprio e sem material e pessoal suficientes para atender às demandas administrativas e de ensino, a Escola vivia na dependência da boa vontade da Congregação da Faculdade de Medicina.

Em contatos mantidos com o reitor da UFMG, professor Gerson de Brito Mello Bosen, Carmelita teve conhecimento do projeto de reestruturação universitária, que tramitava nos órgãos competentes, e dentro do qual era vislumbrada a oportunidade de EECC tornar-se autônoma. Assim, elaborou uma Moção de Apoio ao Plano de Reestruturação da Universidade e desenvolveu um trabalho junto a cada um dos membros do Conselho Federal de Educação para conseguir o apoio necessário à causa que defendia com grande empenho - a desanexação da EECC da Faculdade de Medicina, o que ocorreu em 28 de fevereiro de 1968.

Com a inserção da Escola à Universidade como unidade autônoma, coordenou o primeiro vestibular realizado como também assumiu o processo de constituição de lista tríplice para nomeação de diretora. Fez parte desta lista, foi indicada para con-

tinuar na direção da Escola; contudo, Carmelita declinou ao convite em favor de Izaltina Goulart de Azevedo, aceitando a vice-diretoria, pelo período de 1968 a 1972.

Fez cursos lato senso e stricto senso, concluindo doutorado em Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, em 1985.

Como docente, Carmelita, participou de comissões diversas, representações em órgãos colegiados, chefiou o departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública, no qual esteve lotada até aposentar-se, em 1991.

Atualmente, Carmelita está cursando medicina, na Faculdade de Medicina da UFMG. É seu sonho construir um lar para idosos no interior de Minas Gerais e ter condições de prestar cuidados médicos e de enfermagem.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Referência a sua procedência; estado civil; sua trajetória em diversas crenças religiosas; a origem da família; a necessidade de trabalhar; a preocupação em continuar os estudos; a opção em fazer enfermagem em Belo Horizonte na Escola de Enfermagem Hugo Werneck (EEHW); a fuga da EEHW para a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC); as aulas teóricas e práticas; o cotidiano na Escola; o uniforme; o rigor com as normas; os funcionários da Escola; o porquê do apelido de Coramina dado ao carro que transportava as internas; sua entrada como professora na EECC; o estágio de saúde pública em Pirapora; a mudança do internato do prédio da Cruz Vermelha para a Avenida Getúlio Vargas; volta a falar do período em que era aluna; a opção em fazer enfermagem; o período pré clínico; a festa da braceira; o uniforme de gala; o trabalho domiciliar feito pelas alunas; as divergências entre a EECC EEHW; a exclusão de candidatas negras; as primeiras alunas negras; o descontentamento das docentes leigas em relação as freiras; as transgressões e brincadeiras no internato; a expulsão de uma aluna que estava com lepra; o processo contra uma aluna.

FITA 1 LADO B

O desaparecimento do processo contra uma aluna; as missas aos domingos; o período de férias; a mudança do internato da Cruz Vermelha para a Avenida Getúlio Vargas; a mudança da Escola para o endereço atual; o início da docência na EECC; comparação entre o ensino de 60 e 70o período que morou no internato enquanto docente e seu papel de “vigia” das alunas as alunas; descrições de como se encontrava a Escola na época; a disciplina que mais a encantou enquanto aluna; o estágio no Hospital das Clínicas e nas Obras Sociais do Padre Agnaldo; o relacionamento das alunas com outros alunos, com funcionários e professores; descrição da aluna sênior; o ensino teórico e prático; os estudantes de medicina enquanto professores; o Diretório

Acadêmico; a prestação de serviço à comunidade pelas alunas; as festas cívicas e da Semana da Enfermagem; a anexação à Faculdade de Medicina; sobre Waleska Paixão e Marina de Andrade; os Congressos Brasileiros de Enfermagem; absorção das recém formadas pela Secretaria de Saúde; o relacionamento das alunas com dona Izaltina; a dificuldade de relacionamento entre alunas, docentes e freiras; sua participação como madrinha da braceira; sua formatura; reencontro com as colegas de turma; a convivência com dona Maria do Rosário no internato da Cruz Vermelha.

FITA 1 LADO A

FITA 2 LADO A

A greve dos estudantes

O início de sua carreira como docente; o estágio na Fundação SESP, em Pirapora; a docência na EECC e na Escola de Enfermagem Hugo Werneck; a experiência em São Paulo durante o curso de especialização em saúde pública; a convivência com as expoentes da enfermagem; o relacionamento com Marina de Andrade Resende o internato na Av. Getúlio Vargas; a mudança para o prédio atual; o relacionamento de algumas docentes com Ir. Clarízia; o curso de especialização em obstetrícia na EECC; alunas e docentes desse curso; volta a falar sobre a mudança da Escola para o prédio inacabado; a questão da segurança; o terreno onde seria construído um auditório; o esforço da Ir. Clarízia para construção do prédio atual; interrupção da construção da EECC; a nova distribuição de aulas devido ao currículo de 1962; o ensino; a relação enfermeira/médico; novamente a questão do processo contra uma aluna; a visão sobre o enfermeiro na década de 60; o Diretório Acadêmico; a doença de Marina Andrade Resende.

FITA 2 LADO B

Retorno à escola

Continua falando de Marina e de sua morte; o Diretório Acadêmico; um grupo de alunas que se transferiram para Juiz de Fora; a reforma curricular; a seleção das candidatas em 1962; o despreparo do corpo docente; o teste psicológico; alguns os professores da faculdade de medicina; as docentes da EECC na mudança curricular de 62; a reação das alunas; a aluna que foi suspensa do internato; a reação de uma docente; o início da luta pela desanexação da

faculdade de medicina; a relação da faculdade de medicina com a EECC; as mudanças nas disciplinas decorrentes da admissão de professoras formadas após o currículo de 62; a relação de dona Izaltina com as alunas; a visita de alunas da EECC à Escola Ana Neri e a reação das mesmas; a mudança do uniforme; as funcionárias que cuidavam dos uniformes; o período da ditadura militar de 64 na EECC; a prisão de uma aluna; a greve que ocorreu em fins de 65.

FITA 3 LADO A

A greve dos estudantes em 1965; a carga horária pesada e dos poucos funcionários do Hospital das Clínicas; a reforma do Hospital das Clínicas; a transferência das refeições das alunas para o refeitório dos estudantes de medicina; ênfase ao estágio de saúde pública feito pelas alunas em Pirapora; seu envolvimento com a ABEn; a necessidade em melhorar a enfermagem; a participação das alunas nos trabalhos realizados com as prostitutas; a proibição da permanência de alunas no internato durante as férias; o difícil acesso de homens no curso de enfermagem; o tabu que os mesmos podiam fazer estágios em obstetrícia e ginecologia; os cursos de pré vestibulares e de extensão oferecidos pelo DAMAR; a coordenação de um simpósio em Itaúna; a doação de uma lâmpada que ficava na capela; a resistência da Escola de Enfermagem em relação à Faculdade de Medicina; o objetivo da filmoteca; um uniforme para as docentes; o fim da influência religiosa na universidade; a indicação para ser diretora da Escola; o convênio com o Hospital Municipal; a participação de um professor de sociologia na desanexação da Escola; a homenagem prestado à Waleska Paixão; as dificuldades de relação na Escola quando assumiu o cargo de diretora; a luta junto ao Conselho Federal de Educação para a desanexação da Escola; a oposição do professor Sucupira; as dificuldades enfrentadas por ser mulher; a vitória da desanexação; o afastamento da irmã Carmem; a criação dos departamentos de Enfermagem Básica e Aplicada.

FITA 3 LADO B

A recusa em aceitar o cargo de diretora da Escola e a indicação da dona Izaltina; a eleição feita na Escola para escolha da diretora, em 1968; sua atuação enquanto vice diretora; o afastamento da dona Izaltina em 70; a saída de dona Izaltina da direção; a criação do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública; a chefia nos três departamentos; a extinção do internato; a doação do mobiliário do internato; a mudança de função dos empregados do internato; a criação da biblioteca; o trabalho conjunto aluno/professor quando não havia biblioteca; as localizações da biblioteca na Escola; a centralização da biblioteca do campus saúde; a doação do piano e do material audiovisual; a colaboração da Faculdade de Filosofia na desanexação; a participação do professor Weber nesse movimento; a mudança curricular de 1972; as novas docentes; a experiência de ensino na saúde pública antes de 72; as habilitações existentes na Escola; o término das mesmas; a mudança da habilitação para especialização; a experiência de interiorização com as habilitações; a integração enfermagem/medicina com as habilitações; sobre um projeto de pós graduação; sua saída para mestrado; o retorno do mestrado e as atividades administrativas que teve que assumir; o tema de sua dissertação de mestrado; a exigência da Universidade de São Paulo quanto a aparência física; as dificuldades de adaptação; sua maneira simples de ser; a aproximação com a Círce de Melo Ribeiro; a participação no Conselho Universitário.

FITA 4 LADO A

A maneira de se vestir e a aceitação das outras pessoas; a facilidade em fazer os créditos do mestrado e doutorado em São Paulo; a dificuldade de entrosamento com os colegas do mestrado; a diferença de relacionamento com alunas que existe entre as escolas de enfermagem de São Paulo, Rio e Belo Horizonte; o relacionamento entre as alunas e as diretoras no período das freiras; a simplicidade no vestir dos professores e diretoras no período das freiras; as mudanças posteriores; o tema que trabalhou no doutorado; sua orientadora e do acompanhamento do professor Evaristo; o retorno do doutorado e as função administrativa que exerceu; o processo da especialização em

saúde pública; porque aposentou; sua contribuição na vinda do curso à distância de metodologia da pesquisa as dificuldades dos docentes em relação a este curso; a valorização da pesquisa pelo DEB; a pesquisa que ganhou um prêmio no congresso de enfermagem; o projeto CAEEn; a utilização dos princípios desse projeto por uma outra instituição; as pessoas que tomaram a frente da CAEEn; a rejeição dessas coordenadoras por parte dos enfermeiros do Hospital das Clínicas; o fim da CAEEn; a remoção das coordenadoras da CAEEn do Hospital das Clínicas para a Escola; porque o primeiro projeto de mestrado e doutorado não deu certo; o preparo para o vestibular de psicologia com Marina de Andrade; a sua graduação em psicologia; o atendimento a uma funcionária; sua preocupação com a doença da professora Lídia; a não continuação das atividades de psicóloga e optou pela enfermagem; a preocupação com o preparo dos profissionais que lidam com a mente humana; porquê está fazendo o curso de medicina; as decepções e dificuldades no curso de medicina; seus planos para o futuro.

FITA 4 LADO B

Critica a medicina como um todo; o despreparo dos profissionais da área da saúde em olhar o homem em sua dimensão espiritual; os riscos de rotular os pacientes com problemas emocionais e psiquiátricos; seus princípios de fé; como pretende adquirir experiência para levar avante a assistência a idosos.

FITA 5 LADO A

A seleção para obtenção de novo título; os motivos que levaram a entrar com o processo contra a Universidade; o objetivo de construir um lar para idosos no interior do Estado; como pretende desenvolver esse projeto; a ampliação do mesmo para atender crianças e adolescentes; as contribuições que recebeu; a retirada da capela da Escola; a relação com a Escola de Enfermagem depois de aposentada; a satisfação em ter feito enfermagem; a seleção para professor titular, sua vitória como primeira professora titular da Escola de Enfermagem; os benefícios dos cursos oferecidos pelo NUTES CLATES; como fez o curso da Associação dos Diplomados da Escola

Superior de Guerra; o distintivo que abre todas as portas; a possibilidade de indicar pessoa para o mesmo; as vantagens de se manter associada; quem podia fazê-lo; porque o fez; as dificuldades na coleta de dados da pesquisa de doutorado; as estratégias que utilizou para obter os dados; volta a comentar sobre o curso na Escola Superior de Guerra; o curso para formação de professor para o segundo grau; as aulas que dava na Cruz Vermelha; a participação com alunas da Escola no Projeto Rondon.

FITA 5 LADO B

Continuação das considerações sobre o estágio em Barreiras, no Vale do São Francisco como em Pirapora e os problemas com barbeiros; referências sobre o seu trabalho dentro da Secretária de Saúde organizando e supervisionando os trabalhos da enfermagem, juntamente com a dona Izaltina; referências sobre a organização do Hospital Felício Rocho e a surpresa de encontrar seis parteiras; referências sobre o trabalho de grande repercussão realizado no Hospital Municipal juntamente com os alunos da Escola de Enfermagem da UFMG; alusões sobre a recusa de organizar o Hospital São Francisco; considerações sobre os trabalhos realizados pela irmã Notarnicola e pela Clélia Pinto para projetar a enfermagem; considerações sobre a ABEn e seus representantes; considerações sobre a criação e organização dos representantes do COREN; alusões sobre ter sido a primeira doutora, primeira diretora e primeira professora titular da Escola de Enfermagem; referências sobre a impugnação de sua chapa nas eleições para a diretoria do COREN e a entrada com o processo contra essa impugnação; alusões sobre a criação do sindicato; considerações sobre o curso de auxiliar de enfermagem da Cruz Vermelha, que era vinculado à Escola de Enfermagem Carlos e depois foi desmembrado.

FITA 6 LADO A

A supervisão das alunas da Cruz Vermelha realizada por alunas da EECC; a situação financeira e administrativa da Cruz Vermelha; a inspeção feita às escolas de enfermagem do Estado e do país; a classe social das alunas da Cruz Vermelha e da

FITA 1 LADO A

Valda: Seu nome completo Carmelita.

Carmelita: Carmelita Pinto Rabelo.

V.: Você é de...?

C.: Barra, Bahia.

V.: Barra, Bahia?

C.: É.

V.: Você é solteira?

C.: Solteira.

V.: Tem filhos?

C.: (inaudível) De criação, eu criei cinco filhos.

V.: (risos) Mãe de cinco filhos?

C.: É. Cinco filhos.

V.: Qual é a sua religião?

C.: Eu não tenho religião propriamente. Agora no momento não tenho religião. Só acredito em Deus, um ser Superior, que dimensiona toda a vida do ser humano. Só.

V.: Como é que foi essa mudança? Por que você tinha alguma religião antes e depois..., passou a ter uma crença...

C.: É, eu fui criada na religião católica. Minha família toda é católica até hoje. Depois de, de uns seis anos atrás eu saí da igreja católica e passei para o espiritismo. Aí eu freqüentei o espiritismo por seis anos.

C.: E, há dois anos atrás, eu saí do espiritismo e cheguei à conclusão que a coisa mais importante que tem é a gente acreditar em um Ser Superior, o resto não importa, não é? E que a gente é que deve ter o trabalho de ter uma conduta correta em relação à vida que a gente tem, de atitudes, de hábitos, é, de respeito com o outro; de respeito consigo mesmo. Eu acho que isso é essencial, sabe? A gente ficar preso à religião, a normas, a certas pressões de igrejas, não é?, de instituições, eu acho que dificulta muito o nosso crescimento, não é, no meu caso, meu crescimento pessoal e, principalmente, essa busca desse Ser Superior que agora eu quero buscá-Lo, não é? Essa verdade que há muito tempo eu estava buscando, mas tinha uma pressão que me dificultava buscar

esse Ser. Agora não, agora eu estou indo buscá-Lo do jeito que Ele é, não é? Quero entendê-Lo melhor ainda, uma vez que eu sou a imagem e semelhança desse Criador. Então, eu quero saber em quê que eu me assemelho com Ele.

V.: Você quer falar um pouco pra gente sobre a sua vida, sua família? Já começou, não é? Um pouco mais sobre sua família?

C.: Exato.

V.: Antes de, de adulta?

C.: Exato. A minha família... Eu nasci em Barra, não é? Eu comecei a colocar para vocês aí. E, meus pais eram, meu pai era descendente de índios e a minha mãe era descendente de portugueses. E meu avô era português. Eles se casaram. Inclusive a minha mãe, se casou com treze anos, não é? E o primeiro marido dela faleceu e mais quinze anos ela se casou com o meu pai e ela teve nove filhos, não é? Nós somos nove. É quatro homem, eram quatro mulheres e o... eu sou a sexta, o quinto antes de mim faleceu, ainda novo e sem causa definida, sabe? É, a minha família era uma família, nós éramos pessoas humildes. Éramos assim, pessoas humildes, mas pessoas que tinha a preocupação de que todos os filhos deviam estudar, não é? Depois de uma certa idade tinha que trabalhar, e nós seguimos esse esquema, não é? Tanto que quando eu me formei como professora primária, é a minha preocupação era não lecionar e sim continuar os meus estudos. Foi quando eu decidi, ao invés de ficar na minha cidade, vir para Belo Horizonte, fazer enfermagem. E eu vim para fazer enfermagem trazendo uma carta de recomendação do bispo da cidade, não é? Que eu só estudei no colégio de religiosas lá não é?, para poder estudar na Escola [de Enfermagem] Hugo Werneck, ficar lá na Santa Casa de Misericórdia, e tinha que trazer uma carta de apresentação. Eu trouxe essa carta de apresentação porque eu freqüentava a igreja católica, é de comunhão diária, sabe? E tinha assim, um relacionamento muito grande. E também porque pertencia ao colégio que era da mesma congregação do bispo lá da minha cidade. E chegando aqui eu fui direto para a Santa Casa, não é?, para fazer o curso de enfermagem. Eu cheguei no mês de janeiro. Formei em dezembro como professora primária e em janeiro eu vim para a Santa Casa. E aqui na Santa Casa eu comecei a sair, conhecer Belo Horizonte, não é? Descobri que tinha a Escola de Enfermagem

Carlos Chagas, que ficava no Hospital São Vicente e ele era um prédio velho, caindo aos pedaços, não é? Naquela época, hoje ele está bonito, não é?

V.: Hum, hum.

C.: E eu entrei lá, e, havia assim, um trabalho muito grande de, competição entre a Escola Hugo Werneck e a Escola Carlos Chagas em termos de buscar alunos, não é? E eles me convidaram para vir fazer enfermagem. Aí ao invés de ir pra lá eu vim para a Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Aí eu resolvi, conversar com a freira, naquela época havia freiras, não é? É, Irmã Roland que era, tomava conta do internato...

V.: Da Santa Casa?

C.: E, ela me falou. Ela me falou que não ia me liberar porque eu estava com uma carta de apresentação do bispo da minha cidade. Ela tinha uma responsabilidade muito grande sobre a minha pessoa e eu estava com dezessete anos, não é? Saí da minha casa nova, não é? E, naquela época, com dezessete anos, a gente não tinha assim, muita... É, parece que, era imatura, não é? Hoje uma criança de dez, onze anos é uma criança, bem madura. Aí o quê que eu fiz: eu arrumei a minha mala e fugi de lá, sabe? Eu saí da Escola Hugo Werneck fugida para a Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Eles me receberam. É, o Internato funcionava na escola, onde é o Hospital Semper, que ali era da Cruz Vermelha Brasileira, Hospital da Cruz Vermelha. E o Internato da Escola Carlos Chagas funcionava no segundo andar e o restante era hospital.

V.: Na Cruz Vermelha?

C.: Na Cruz Vermelha que hoje é o Semper. Hospital do Semper, não é? E ali eu estudei, não é? Eu participei assim... meu grupo era, nós éramos cinqüenta e seis alunas, não é? Era assim, uma turma muito grande, depois é que foi reduzindo, o pessoal foi saindo, e a gente tinha assim uma, uma aproximação muito grande. A gente vivia em família, no internato, não é? Primeiro ano, segundo ano e terceiro ano, não é? Apesar da gente fazer quatro anos, mas era assim: você entrava em fevereiro, não tinha férias, eram apenas quinze dias que parava, não é? Você ficava direto na Escola, você era responsável pelo serviço do Hospital das Clínicas. Não tinha enfermeiro naquela época e, nós alunas, é que mantínhamos o Hospital das Clínicas. Então aí existiam as escalas, é as alunas que se chamavam Sênior, elas acompanhavam a gente e tinha professor também, não é? Era muito pouco professor. É, naquela época era a

professora, dona Izaltina Goulart de Azevedo. É, a dona Daura [Pacheco Ribeiro] não era professora, ela era, trabalhava na biblioteca. Ela era responsável pela biblioteca. E nós tínhamos uma freira que dava técnica de enfermagem. O resto dos professores, todos eram da Faculdade de Medicina. Nós tínhamos aulas com os professores da Faculdade de Medicina. Todas as disciplinas eram dadas por eles. Nós tínhamos a... Então ao invés de formar enfermeiras, a gente estava sendo formadas na área da medicina. Mas ainda era enfermeiro, não é? Isso é que era interessante. E os médicos é que davam a, o acompanhamento à gente, não é? Aquele que dava é, Médico-Cirúrgica; ele acompanhava a gente lá, não é? Tinha aquele interesse todo, não é?; em dar orientação pra gente naquela área, tá?

V.: Quando o período, esse acompanhamento era no período do, do estágio também?

C.: No período do estágio também! É que não tinha ainda professores, não é? A gente só tinha professora em doenças transmissíveis que era a dona Izaltina. E a dona Rosa de Lima Moreira que acompanhava a parte de técnicas de enfermagem. Toda técnica era diretamente acompanhada por ela, tá? E (...) era assim: nós tínhamos uma ecônoma na escola que era - ela faleceu há pouco tempo - a Jojoca, não é? Era ecônoma. E a gente acordava todos os dias às cinco horas da manhã; tocava a sinetinha igual o Internato. E a gente tinha a roupa lavada, não é? Naquela época não tínhamos vestidos. Os vestidos nossos eram daqueles vestidinhos xadrezinhos, não é? E o avental branco, a touca é, é rede na cabeça, meias, não é? E, sapato fechado. Então a gente, era como se a gente fosse uma, da polícia, tá? Da polícia, todas assim uniformizadas.

V.: Tudo igual (risos).

C.: Tudo igual, não é? E aí a gente saía. Chegava lá na, na Secretaria da Escola, era feita a chamada, não é? Tinha uma professora que tomava a - nessa época era a dona Daura que fazia isso, não é? O comprimento da roupa, porque a gente tinha; tinha um comprimento certo. Você tinha que ter aquela roupa acima do local que era estabelecido, não é? Então tinha fita métrica. Media o uniforme de uma por uma. Olhava se tinha termômetro no bolso, lápis, caneta, borracha. Tudo que fosse necessário para poder prestar assistência ao paciente; régua, não é? Então era feito...

V.: material de bolso?

C.: Material de bolso. Então era assim. Depois que a gente recebia a fiscalização, ia para a enfermaria, não é? Trabalhava até meio dia. Saía meio dia para almoçar e a tarde, a partir de uma hora a gente tinha aula na Faculdade de Medicina. Não tinha sala de aula aqui, a gente tinha aula na Faculdade de Medicina, ou então em salas do Hospital das Clínicas. E quando dava seis horas a gente ia para o Internato. Aquela que estava de plantão permanecia no hospital, para ficar a noite toda, sabe?

V.: A cobertura toda era dada por alunas?

C.: Toda era da escola. Nós que dávamos a cobertura. E, nós em compensação a gente tinha refeição, a gente não pagava nada, a roupa lavada, a roupa de cama. Tudo arrumadinho. Tinham as empregadas que arrumavam as camas, que passavam a roupa, que lavavam a roupa, não é? Então a gente recebia tudo, essas coisas arrumadinhas.

V.: Você se lembra dessas pessoas?

C.: Me lembro! A dona Zulmira [Chaves Campos] era lavadeira, não é? Faleceu, agora atropelada há pouco tempo. Dona Margarida. A Margarida, ela morreu tem três anos, de aterosclerose. A Maria da Conceição [Aparecida Batista]. Ela é viva. Vocês podem entrevistá-la. Ela sempre vem pegar contracheque aqui, não é? Maria. E a dona Galvina [Pereira] também é viva, não é? Vocês podem entrevistá-la. É, o Sr. Geraldo era o homem, não é? Esse faleceu. Então eram essas pessoas que trabalhavam. Nós tínhamos na secretaria, pessoas também, de muita confiança, muito boas, que eram a dona Carmem Mesantier; era secretária da escola. A dona Lígia [de Queiroz Guimarães] é viva também, era funcionária, acho que ela está meia cega agora, sabe? A dona Daura, da biblioteca [barulho de alguém tossindo]. Dona Altamira [Procópio Ferreira] era da secretaria também.

V.: A Altamira ainda é viva.

C.: Ainda é viva. Ela teve derrame há pouco tempo, mas (inaudível). Então eram essas pessoas, não é? E tínhamos um, um carro à nossa disposição. Chamava, nós apelidamos o carro de “Coramina” porque na hora das grandes dificuldades, na hora em que a gente queria o carro chegava, não é? Era uma camionete, não é? E o, o motorista era o Sr. Beraldo, marido da Íris. Tinha a Íris também [Soares de Oliveira]. E a Íris é viva. A Íris mora aqui na, Francisco..., como é que chama essa rua aqui?

V.: Francisco Sales?

C.: Francisco Sales. Ela mora aí, a Íris.

V.: Também era funcionária?

C.: É. Então, mas ele morreu, o motorista. Era uma pessoa assim, que, que dava muita cobertura pra gente. É, eu ainda me formei, nós estávamos aí, não é? Nos anos sessenta. E eu fui convidada logo que eu me formei, para ser funcionária do Hospital das Clínicas e fui convidada para ser professora da Escola de Enfermagem.

V.: Logo depois?

C.: Logo depois. Aí eu fiz opção pela Escola. Naquela época foi em 1960. Fiz opção de ficar na Escola de Enfermagem. E, aí, quando eu entrei; naquela época ainda não tinha essa escolha pra ficar ou com enfermagem médica. Era tudo o que fosse necessário. Então eu acompanhei aluno na, na Saúde Pública, acompanhei aluna na Enfermagem Médica, na Enfermagem Oftalmológica, na Administração. É na, no Pronto Socorro, nas Doenças Transmissíveis, na Pediatria, na Obstetrícia. Era aonde precisava, a gente dava cobertura, tá? Não tinha esse negócio de ter especialidade não! Acho que era por isso que a gente enfrentava qualquer situação e sabia resolver, sabe? E eu tive oportunidade de, é logo que eu entrei em 60, de fazer um estágio em Pirapora, na Fundação SESP, não é? Que a diretora conseguiu para mim. Mas nesse intervalo aí, nós, mudamos daqui da Cruz Vermelha e fomos lá para a Serra, numa casa, não é? Que fica na Getúlio Vargas, a residência, não é?

V.: É. Quando você entrou já tinha... o internato já era na Cruz Vermelha?

C.: Já era na Cruz Vermelha. Depois é que nós mudamos lá para, lá para a Av. Getúlio Vargas.

V.: Na sua época só tinha esse Internato, na Cruz Vermelha? Todo mundo passou para a Getúlio Vargas?

C.: Passou para a Getúlio Vargas. Assim com muita dificuldade, porque a casa lá era pequena. Por que a Cruz Vermelha pediu o prédio, não é? E aí nós fomos obrigadas a ir para lá. A casa pequena, inclusive nós tínhamos é, dois quartos grandes. Um quarto onde ficavam onze pessoas morando, não é? E outro de sete, que nós apelidamos até de Praça Sete, não é?

V.: Ah! Sei!

C.: E os outros quartos assim de quatro, de seis, tá?, variando. Muito apertado, sabe? Acumulado.

V.: Queria voltar só um pouquinho atrás...

C.: Pode voltar!

V.: É, antes de você até começar a fazer enfermagem. É, você falou que trouxe a indicação de um bispo e tal. Mas como é que você descobriu, escolheu a enfermagem?

C.: Ah! Tá! Eu falei com você que eu não queria lecionar.

V.: Hum, hum.

C.: Eu estava terminando o curso de professora primária. E nessa época chegou uma moça lá, daqui, que estava fazendo enfermagem aqui em Belo Horizonte. Exatamente na Santa Casa, sabe? Aí ela começou a angariar candidatas para fazer enfermagem aqui e eu achei que era essa a oportunidade. Eu vim até com ela, sabe? Por que ela já tinha experiência aqui. Já conhecia Belo Horizonte, e eu não conhecia, não é? Era a primeira vez que eu saía da minha casa. De uma cidade pequena, não é?; para enfrentar uma cidade grande.

V.: Como é que a sua família reagiu? As pessoas próximas de você, seus amigos, de você fazer enfermagem?

C.: Não havia assim, não havia informação do quê que era enfermagem.

V.: Ah! Sei!

C.: Era totalmente desconhecido. Na minha cidade não tinha hospital, não tinha nada. Então falar de enfermeiro ou de enfermagem para eles não representava nada, sabe? Ninguém conhecia lá nem se existia essa profissão. Apenas a moça chegou lá e colocou, enfocou; falou que tinha que fazer isso, fazer aquilo. Então nós interessamos. Nós éramos quatro. Nós viemos quatro junto com ela, sabe? E todas nós quatro fomos para a Santa Casa. E só que nenhuma das quatro ficou na Santa Casa. Três vieram para cá e uma foi para Juiz de Fora porque ela tinha um irmão lá em Juiz de Fora, tá?

V.: (inaudível)

C.: Exatamente, tá? Mas foi interessante porque a gente fica sem saber como é que as coisas acontecem. Por quê que eu saí lá da Bahia se eu podia ter ido para Salvador. Vim para cá, não é? Para fazer enfermagem em Belo Horizonte.

V.: O quê que significava ser enfermeira naquela época? Na sua cidade não se tinha informação...

C.: ...Não. Informação nenhuma...

V.: ...mas quando você chegou...

C.: ...quando eu cheguei aqui eu continuei do mesmo jeito. Sem ter nenhuma idéia do quê que era enfermagem. Apenas eu achei que era uma forma de não lecionar.

V.: Certo.

C.: Sabe? Era esse o meu objetivo. E foi interessante, porque nós tínhamos uma fase de adaptação. A gente não entrava assim tão rápido não. Nós tínhamos um, um período que eles chamavam de pré-clínico, não é? A gente ficava seis meses sem ter contato com o paciente. Todo nosso contato era na sala de técnicas. Aí a gente ia aprendendo e depois a gente ia para o hospital para desenvolver as técnicas de enfermagem. E a sua avaliação era feita no seu contato com as técnicas de enfermagem e não o seu contato com o paciente.

V.: Sei.

C.: Se você tinha realmente assim, aquele dom para enfermagem, aí você tinha uma festa, chamada festa da braceira, que você era condecorada. Você sabia que estava apta para fazer enfermagem, sabe? Então a gente tinha uma festa, tinha a paraninfa.

V.: Era a imposição das insígnias?

C.: Exatamente. Exatamente, não é? Só que na minha época já era braceira. Anteriormente era insígnia, não é?

V.: Hum, hum.

C.: Mas era braceira, tá? Agora, durante o curso de enfermagem a gente participava das festividades. Nós tínhamos um uniforme especial, tá? É..., a gente ia a procissões representando a Escola de Enfermagem com a bandeira da Escola de Enfermagem, não é? A Escola de Enfermagem tinha bandeira. Vocês conhecem a bandeira, não é?

V.: Hum, hum.

C.: Era uma bandeira da enfermagem, a bandeira do Brasil e uma bandeira de Minas Gerais, não é? E a gente ia com o uniforme próprio. Tinha uma capa. A gente jogava ela assim (gesticulando para mostrar); dobrava e depois jogava ela assim, para trás. Ficava muito bonita realmente, a capa. Talvez a escola tenha uma; desse tipo de capa

ainda. E a gente tinha assim, uma aceitação muito grande na sociedade. Apesar do pessoal falar que enfermagem não era bem aceito, mas a gente tinha um reconhecimento muito grande.

V.: Sei. *ai que era*

C.: A gente fazia trabalhos domiciliares, sabe? E toda vez que tinha um paciente grave em casa era só telefonar para a escola que a gente ia fazer o trabalho.

V.: O trabalho era pago?

C.: Era pago para a escola. A gente não recebia. O aluno não recebia. A escola é que recebia o dinheiro.

V.: Todo esse trabalho, mesmo quando era plantão?

C.: Mesmo quando era plantão.

V.: O dinheiro todo arrecadado era todo para a escola?

C.: Era para a escola! Era para a Escola! Nós não tínhamos... Nós não recebíamos o dinheiro, tá? [silêncio] Eu falei que fui para Pirapora. Fiz um estágio lá de três meses, não é? Depois, você quer que eu fale alguma coisa antes?

V.: Antes. Só um pouquinho. Você falou que, com relação à entrada da escola, você trouxe uma carta e [além] da carta de apresentação tinha alguma outra seleção logo no início do curso? *de cúpula, tá? Mas não sei*

C.: Não aqui. Aqui eu não precisei de carta.

V.: Lá, foi só lá. *muita gente não passava*

C.: É. *muita gente que não passava*

V.: Então vamos falar só um pouquinho desse período que você esteve lá e depois...

C.: É. Eu fiquei lá duas semanas só.

V.: Ah! Foi pouco tempo!

C.: Foi só duas semanas. Aí eu saí para fazer o vestibular. Tinha vestibular!

V.: E elas foram atrás de você. Como é que foi então? Foi fugidas?

C.: Elas ficaram sem saber onde que eu andava.

V.: E depois? *que a Maria Barbosa [Fernandes, Irmã]*

C.: Nunca mais. Depois aconteceu que eu é, quando eu me formei a, a Irmã Estela, que era diretora da escola me convidou para dar lá Enfermagem de Saúde Pública. Aí eu

fui lá e me apresentei e elas assustaram. Quando a Irmã Rolande me viu, não é? Aí elas perderam todo o contato com a minha pessoa.

V.: (riso) você foi alhar no p...

C.: Foi aí que elas tiveram contato comigo.

V.: Então, as duas escolas não se...

C.: Não! Naquela época não! Não. Era um choque tremendo!

V.: Entre professores e entre alunos?

C.: Entre professores e alunos. Por que todo mundo achava que a Escola de Enfermagem Carlos Chagas era melhor que a Enfermagem Hugo Werneck. Então existia esse problema. Então, de um modo geral, a aproximação era mais de aluno para aluno. Você sabe que aluno nunca teve problema, não é? Então a gente se aproximava muito bem da Universidade Católica, lá não era católica, naquela época era Hugo Werneck, não é? A gente ia lá, não saía de lá e as meninas de lá também não saíam daqui. Quando a ecônoma da escola entrava no nosso quarto aí a gente colocava debaixo da cama para poder ela não ver, não é? Então, existia. O problema era mais assim de, de cúpula.

V.: Cúpula.

C.: É, era mais de cúpula, tá? Mas tinha seleção, tá? É, era português, geografia, história, química, física. A gente fazia a prova.

V.: Tinha muita, muita gente não passava? Algumas pessoas não passavam?

C.: Muita gente que não passava.

V.: Nesse teste de conteúdo?

C.: De conteúdo. Tinha um outro pormenor: que elas não deixavam entrar gente de cor.

V.: Ah, é?

C.: É. Elas selecionavam.

V.: Nas duas escolas, ou só aqui?

C.: Nas duas escolas. Não entrava gente de cor.

V.: Como é que a Maria Barbosa [Fernandes, formada em 37] entrou?

C.: Naquela época, porque não eram as freiras.

V.: Ah!

C.: Quando entraram as freiras... entendeu?

V.: Isso era no período das freiras?

C.: É. Se você for olhar no período das freiras, a primeira pessoa escura que entrou aqui na Escola de Enfermagem foi em 1956. Foi a Aldovisa [Martins dos Santos] e a Alexina [Maria Santana, formadas no início de 1959]. Eram as duas escuras que entraram. Mas as duas, inclusive elas foram reprovadas, sabe? Elas entraram com recurso porque o pai da, da Aldovisa era juiz e ele sabia do preparo dela. Entrou com recurso e conseguiu que elas entrassem na Escola de Enfermagem. Eram as primeiras pretas. Depois a segunda que entrou foi a, a Adelize [Maria da Silva, formada no início de 1961]. Adelize sofreu como uma louca, sabe? Tá? Você conhece a Adelize, não é?

V.: Sei, da Pediatria[do HC].

C.: Da Pediatria. Ela sofreu nessa escola que só você vendo. Inclusive ela era marginalizada até pelas próprias colegas.

V.: Isso tudo porque as freiras não...

C.: Não aceitavam. Discriminavam, havia discriminação. Hoje não. Hoje não tem problema, não é? Depois que, é eu assumi a escola em 67 eu já não encontrei mais esse problema.

V.: Quais eram as freiras neste período?

C.: Era, primeiro foi a Irmã Fiúza, não é? Que era a diretora. A Irmã Inês era secretária e a irmã Bernadete que dava Técnica de Enfermagem para nós, não é? Depois saiu é, a Irmã Fiúza e entrou a Irmã..., é Emília Clarízia, não é? Depois da Irmã Emília Clarízia entrou a Irmã (...)

V.: Carmem

C.: [Maria] Carmem Teixeira.

V.: Nesse período todo, todas eram enquanto diretoras, mantinham essa discriminação?

C.: Mantinham. É, porque a ordem vinha de cima. Não era delas. Era da própria congregação.

V.: Que não permitia as pessoas negras?

C.: Não permitiam. Exatamente.

V.: E elas seguiam à risca?

C.: À risca. É obediência, não é?

V.: E quem era a diretora..., nesse período, era...?

C.: Na minha época?

V.: Sim.

C.: Eu, quando eu entrei era a Irmã Fiúza. E depois a Irmã Fiúza sofreu um acidente, não é? Ela estava até na Coramina. Ela ia fazer um trabalho e na passagem...

V.: O que é Coramina?

C.: Era o carro. A nossa Coramina. Sabe o quê que é?

V.: Sei.

C.: Por que a Co... Nós chamamos de Coramina porque todas as vezes que a gente precisava o carro estava ali. Até para fazer trabalho fora. Cansava não é? É, quando a gente morava lá na Serra, a Coramina pegava a gente no Hospital das Clínicas e levava lá na Serra. Era um trajeto que a gente fazia de bonde.

V.: Se não tivesse a Coramina?

C.: Se não tivesse a Coramina. Quando a Coramina estragava...

V.: ...era um sacrifício?

C.: Exatamente, sabe? Então ela sofreu esse acidente. Depois provisoriamente a Irmã Inês respondeu, quando depois a Irmã Emília. Quando eu me formei, era a Irmã Emília.

V.: Além, além dessa discriminação, como é que era a administração da, das irmãs freiras, porque a gente sabe por outras fontes, das entrevistas que antes das freiras, eram leigas. Depois teve um grande período....

C.: ...De freiras.

V.: ...De 50 até 67, que foram...

C.: Foi muito antes. Porque teve a Irmã Villac.

V.: É. Desde 49.

C.: É.

V.: Quando saiu a Waleska Paixão.

C.: Exatamente.

V.: Como é que foi bem assim, que você colocou essa diferença dessa administração por freiras, não é? A escola...

C.: ...Foi a partir daí que a escola começou a crescer. Tá? Daí começou. Teve uma abertura muito grande, não é? Por que haviam as leigas que não aceitavam muito as religiosas. Era como se fosse assim, uma, uma escola militar, sabe? Então não havia uma aceitação, um bom relacionamento.

V.: Entre docentes e a diretoria?

C.: E a diretoria. Isso é. Entre as freiras de um modo geral, não é? Porque, inclusive as freiras, é o Hospital das Clínicas tinha freiras que comandavam. Mesmo sem ter enfermeiras elas comandavam. E, às vezes as professoras não aceitavam ser comandadas pelas freiras. Eram leigas, não é? E elas eram administradoras das Clínicas. Ficavam lá no Hospital das Clínicas. Então não havia boa aceitação. Então eu achei que depois que as freiras saíram a escola teve um..., um avanço muito grande. Principalmente com a desanexação. E foi muito bom, porque com a desanexação, em 68 já não era mais dirigida por freiras. Por que se fosse freiras...

V.: Ia ser mais difícil, não é?

C.: Ia ser muito mais difícil. Inclusive não teria feito o trabalho que nós leigas fizemos para a escola desanexar da Faculdade de Medicina. Sabe? Foi a partir daí.

V.: É, voltando só um pouquinho a questão do internato. É, você falou que às vezes as alunas da outra escola, daqui da Hugo Werneck vinham?

C.: Frequentavam.

V.: E dormiam na..., ou era só...

C.: Às vezes...

V.: Como é que era a vida no internato? O dia-a-dia no internato?

C.: Ó, era até assim. A gente deitava às nove horas porque tocava a sineta para a gente ir deitar e levantava às cinco horas também com a sineta.

V.: E entre deitar e levantar, o que vocês aprontavam? (risos)

C.: Aprontávamos e muito. Às vezes a gente tirava as coisas até na dispensa, sabe? Roubava as coisas lá. Sabe? Então sabe o quê que a gente fazia? A gente colocava pessoas vigiando a ecônoma, porque só tinha a dona, a Jojoca, não é? Aí ficava uma lá perto, mais ou menos da porta dela; outra no meio do corredor e as outras lá para poder pegar comida, pegar fruta, pegar as coisas. Porque a gente, a comida não era muito

boa. Sabe? Então, chegava a noite, a gente tinha uma..., é todo mundo adolescente, naquela fase que dá muita fome à noite, não é?

V.: Hum, hum.

C.: E depois que tinha o jantar. Depois do jantar não tinha mais nada, tá? Então a gente roubava as coisas. Eu mesma participei, sabe? [risos] Aí a gente é, pegava cera e colocava na, no sino daquelas que tinha aquela sinetinha lá, a gente colocava cera. Às vezes, quando a gente queria dormir até mais tarde.

V.: [riso]

C.: Aí a gente colocava a cera, não é? Na, na, na sineta para poder ela não tocar a sineta no escuro. Era assim, uma turma muito boa, sabe?

V.: Conta mais, essas coisas são agradáveis de ouvir.

C.: Agora a, o interessante que eu achava no internato é que as mais velhas, elas sentiam como se fossem as responsáveis pelas mais novas que chegassem. Havia assim, um perfeito entrosamento. Então aquelas que eram mais velhas, então elas tinham aquela preocupação de integrar dentro do internato. Então davam todas as informações, não é? Faziam trote. Também tinha trote, sabe? Às vezes colocavam boneco na cama da gente. O trote era nesse nível, não é?

V.: Sei.

C.: Pintavam a cama da gente. Desfaziam a cama. A gente chegava, a cama estava desfeita. A gente tinha de chegar e fazer. Havia assim esse ambiente bastante agradável, sabe? Não tinha assim, não tinha briga, não tinha essas coisas não. Era assim, muito interessante. O problema só era em relação à administração. A gente se revoltava. A gente não gostava da administração.

V.: E como é que vocês faziam para fugir, para namorar?

C.: Ah! Isso era interessante! Todo mundo fugia na, sabe? Roubava a chave da...

V.: ...da Jojoca.

C.: É Jojoca, não é? Roubava a chave. Aí, aqui também, já na época também que a gente (inaudível)

a gente fazia a mesma coisa. Roubava a chave, não é? Aí a, jogava a chave pela janela para a pessoa lá, lá em baixo, sabe? Quando a, então ela fazia a inspec..., a inspeção toda noite para ver. Então uma fazia boneco na cama. Cobria, não é? Ela chegava na

porta e via a cama ocupada, não é? Então achava que a gente estava todo mundo lá dentro. Mas a outra estava lá fora namorando.

V.: [riso] Eles nem admitiam.

C.: Era isso que era interessante. Então a gente tinha essa colaboração entre a gente. Era muito bom, sabe? Muito agradável.

V.: E quando a freira pegava?

C.: Sabe que nunca conseguiu pegar?

V.: É mesmo?!

C.: Nunca conseguiu pegar. Isso eu achava interessante. Desde a Irmã Emília. Porque na ocasião da Irmã Emília, quando nós mudamos para aqui, ela dormia aonde é, aquela sala ali (gesto para mostrar), terceiro andar.

V.: ...Trezentos e doze, [316] em frente ao elevador.

C.: Exatamente ali, não é? Então, a hora que ela chegava, que ela punha a camisola dela, ela não saía mais, não é? Aí...

V.: ...aí vocês ficavam soltas.

C.: Ficávamos soltas.

V.: O Internato era aqui no 4º andar?

C.: O Internato, eu acho que era. Exatamente, era aqui. Era aqui ó (fazendo gesto indicando, pois estava sendo entrevistada no mesmo andar onde era o internato). Ficava no 3º. Então era 4º, 3º e 2º, não é? E aí a gente fazia as mesmas coisas. A gente roubava a chave, entrava na cozinha, na dispensa, tirava coisas para comer. Então ficava muito fácil, sabe?

V.: [riso]

C.: A gente levava até uma vida muito boa. Assim, de entretenimento, sabe? Mas nunca consegui, assim, que elas pegassem a gente, sabe? Não tinha esse problema.

V.: Então não tinha nenhum sistema assim, de punição? Você se lembra de alguém que foi, que recebeu alguma punição? Uma falta grave, além dessas de transgressões no internato, mas assim fora do internato.

C.: Não, não! A única coisa que teve foi uma, uma moça que era..., descobriu que ela tinha lepra. Aí, ela foi mandada de volta (inaudível)

C.: Hoje ela é revoltadíssima.

V.: Chegou a formar?

C.: Não. Eles nem admitiram que ela formasse, tá? Ela hoje está aqui no Sanatório Santo Antônio das Roças Grandes. Não sei se ela está aí, tá?

V.: Como interna?

C.: É. Como interna, tá? Eles mandaram embora e foi uma revolta muito grande, muito grande mesmo, no internato. E nós achamos que não era é, é, faltava quatro meses para ela poder se formar. Quando descobriram que ela tinha lepra, não é? E colocaram ela para fora. E foi uma revolta muito grande. Essa foi uma coisa que aconteceu, desagradável. A outra, é essa Cláudia... Tá? Que vai lhe contar. Ela reagiu contra uma professora que a... Naquela época o médico chegava e a professora falava assim: “levanta e dá a cadeira”, para o médico! Não é? Você tinha que levantar, dar a cadeira para o médico sentar, e você ficava de pé. E, essa menina se recusou com a professora a dar a cadeira. Ela falou assim: “eu tenho os mesmos direitos que ele tem.” Não é? E aí instalaram um processo contra ela para ela ser expulsa da escola.

V.: Mais calmo, não é?

C.: É. Não tinha assim aqui. **[FINAL DA FITA 1 LADO A]**

FITA 1 LADO B

C.: Isso que eu falei com você, eram só eles que tinham. A gente não podia fazer.

C.: Então esse processo da Cláudia ninguém sabe, não é, sumiu!

V.: Não ficou registrado.

C.: Nada. Sumiu, simplesmente ele sumiu, tá? E quem pegou esse processo foi eu.

V.: Você que, você que escondeu ele? Você já era professora, ou aluna na época?

C.: Já era professora.

V.: Ah! Enquanto professora!

C.: Eu peguei esse processo da Cláudia e, até a pouco tempo eu estava com ele lá.

V.: ...na sua casa.

C.: (inaudível) engraçado né? A gente tinha aquele prazer. A gente tinha aquele prazer que...

V.: Ainda pode voltar. [risos]

C.: ...mas pessoas porque eu não tirei férias. Eu preferi permanecer

C.: Porque eu estava lá olhando minhas coisas de lá, a cartinha da Cláudia, sabe? O que ela tentou, coitada, para ela não ser expulsa, aí eu desviei o processo. Naquela época eu tinha assim um certo acesso à Secretaria e o pessoal me respeitava bastante na Escola.

V.: Não ia imaginar jamais que podia fazer isso, não é?

C.: Até a pouco tempo eu ainda estava com esse processo da Cláudia aí. E ela vai contar uma história muito interessante para você.

V.: É, a escola era coordenada nesse período por freiras. Tinha uma atividade religiosa junto das alunas? Ou era livre?

C.: Só tinha a capela. Você ainda pegou a capela, não é? A gente tinha missa e era obrigada a assistir missa. A gente tinha a obrigação de assistir à missa.

V.: Todos os dias?

C.: Uma vez por semana.

V.: Uma missa.

C.: Só aos domingos, não é?

V.: Mais calmo, não é?

C.: É. Não tinha assim aquela rigidez de você fazer as coisas religiosas não, sabe? Isso aí não tinha não!

V.: E como é que vocês ficavam no período de férias?

C.: Isso que eu falei com você, eram só quinze dias, não é? A gente não tinha férias. Por que a gente mantinha o Hospital das Clínicas, então a gente não podia afastar.

V.: Quinze dias por ano?

C.: Por ano! Tá?

V.: E esses quinze dias...

C.: Esses quinze dias, aí ou você ia para casa, ou você ficava aqui mesmo. Muitas delas, por exemplo, tinha do norte do Piauí, não ia lá, não é? Também o que fazia: ficava aqui e, - foi o meu caso também. Você viu, porque que eu me formei antes. Eu preferi não ter os quinze dias, eu trabalhei direto, sem ter férias nem um dia, não é? Eu nunca adoeci; engraçado né? A gente tinha aquele prazer. A partir do momento que a gente começava a trabalhar, a gente tinha aquele prazer. Então eu saí mais cedo que outras pessoas porque eu não tirei férias. Eu preferi permanecer.

V.: Antecipar, não é?

C.: Antecipar, exato.

V.: Os funcionários moravam aqui na Escola também?

C.: Moravam na casa deles. Sabe, eles chegavam cedo. Preparavam o café, preparavam o almoço. Tudo era feito por eles, não é?

V.: Só as freiras? [moravam no Internato]

C.: É. Só as freiras.

V.: Carmelita, fala pra gente dessa mudança. Você pegou o internato lá e aqui também? Não, o tempo todo foi... Enquanto aluna não, enquanto aluna foi só lá?

C.: Enquanto aluna foi só lá.

V.: Na Cruz Vermelha e na Getúlio Vargas.

C.: Na Cruz Vermelha e na Getúlio Vargas. Quando nós mudamos para aqui em 62, porque eu entrei na escola como professora em 60. Primeiro de fevereiro de 1960, tá. Aí quando eu fui para Pirapora, fiz estágio. E em 1961 eu fui para São Paulo fazer especialização lá na Faculdade de Saúde Pública, não é? Quando eu voltei em fins de 61, que foi em dezembro, aí nós já estávamos nos preparando para a mudança. Aí o Versiani havia construído o prédio aqui, não é?, e nós mudamos para cá, tá?

V.: E fala só um pouco pra gente desse, do início da construção enquanto aluna. Você se lembra, da, da, do início da construção da escola, as histórias acumuladas neste período?

C.: Lembro. Eu entrei em 60. Em 61 nós já estávamos lá, não é?

V.: Certo.

C.: Então eu ainda fiquei um pouco de tempo como professora. Em 60 eu ainda morei lá no internato tomando conta das alunas. Eu ficava lá tomando conta delas, não é? A diretora pediu. Eu então, eu morava lá. Já, já não tinha mais a Jojoca.

V.: E como é que era você enquanto docente tomando conta das alunas, sabendo todas as transgressões?

C.: Eu era terrível viu?

V.: Você era terrível?

C.: Hum... Por que eu já sabia, o pior é isso, não é? Eu já tinha conhecimento das transgressões, aí eu comecei a agir exatamente em cima das transgressões.

V.: Aí você arrasou com as meninas.

C.: Ó, não é que realmente eu arrasei não. Você vê que eu tenho muitas amigas aí na escola, não é?

V.: No sentido de, de ter ficado vigiando elas.

C.: É. Exatamente eu tentei inclusive... Outro dia eu fiquei até muito feliz quando eu encontrei com a Dôra [Maria Auxiliadora Córdova Christófaro] que a Dôra aposentou agora, não é?

V.: Hum, hum.

C.: Aí ela virou para mim e falou assim: “Carmelita eu vou te fazer uma revelação: eu aprendi enfermagem com você.” Eu achei tão engraçado. Eu nunca pensei na minha vida que eu pudesse ter ensinado enfermagem para alguém, não é?

V.: [riso]

C.: Aí ela falou isso. Que ela aprendeu enfermagem e ficou na enfermagem por minha causa, não é? Tanto ela quanto Rizoneide [Maria Rizoneide Negreiros de Araújo] . Então, é, ao mesmo tempo que eu era assim, um pouco rigorosa, para o próprio bem das alunas. Por que aqui é, é, não tinha ess..., essa limpeza que nós temos aqui. Era só a Escola de Enfermagem aqui. Não tinha esses hospitais aqui. Tudo era mato, não é?

V.: Hum, hum.

C.: Aqui na frente era mato. Só tinha a Faculdade de Medicina, não é?, com a biblioteca, é o Hospital Borges da Costa ali e a gente aqui. O resto tudo era mato. Então para poder a aluna descer de lá para cá era mato, sabe? E algumas mesmo, umas alunas foram agredidas aí por tarados, não é? Então a preocupação era mais nesse nível, sabe de rigidez.

V.: Certo.

C.: Tá. Mas não é assim de, de castigar.

V.: É, voltando à sua época ainda de estudante, alguma disciplina marcante. Alguma coisa importante assim, enquanto conteúdo teórico, enquanto ensino teórico, que era significativo? Fala um pouco dessa parte teórica.

C.: Obstetrícia, sabe? Para mim foi assim, a disciplina que mais me encantou dentro da Escola de Enfermagem, tá? Tanto que eu, eu fiz a disciplina e fiquei como responsável pela maternidade.

V.: Logo enquanto aluna.

C.: Logo enquanto aluna, sabe? Eu continuei lá tomando conta e orientando as alunas, sabe? É, fazia plantão para as alunas fazerem parto lá, tá? Então foi assim, a disciplina que mais me agradou. Tanto no pré-natal, quanto na sala de parto, nas enfermarias, tá? Foi assim, me...

V.: ...marcou, né?

C.: Me marcou muito. Foi a, exatamente essa disciplina.

V.: E sobre o ensino prático?

C.: Exatamente essa daí.

V.: Em obstetrícia?

C.: Na obstetrícia.

V.: Vocês faziam estágios naquele tem..., naquela época só no Hospital das Clínicas?

C.: Só no Hospital das Clínicas. Na minha época só no Hospital das Clínicas.

V.: E a Saúde Pública?

C.: Nós fazíamos lá nas Obras Sociais do Pe. Agnaldo. Eram só três meses, não é? A gente fazia lá, o estágio. A professora era até uma professora da Fundação do Serviço Especial de Saúde Pública, porque a escola não tinha ninguém de Saúde Pública, não é? Então foi a partir daí que, eu senti a necessidade de me preparar para poder dar Saúde Pública.

V.: Hum, hum. Como é que era o relacionamento naquela época dos alunos com os profess..., com a, os funcionários do hospital, outros alunos. Outros funcionários também?

C.: Era assim, muito bom, o relacionamento era bom, sabe? Por que inclusive, os funcionários nos respeitavam. Nós comandávamos o Hospital das Clínicas, tá? Então os funcionários subalternos, eles valorizavam muito os alunos da enfermagem, tá?

V.: Quem, quem coordenava o ensino prático de vocês era o clínico, o médico da clínica?

C.: O médico clínico, e nós tínhamos o acompanhamento da aluna sênior. A mais velha.

V.: Ah! sim!

C.: Tá.

V.: Da turma anterior?

C.: Da turma anterior dava acompanhamento. O terceiro ano dava para o segundo ano e o segundo ano dava o acompanhamento para o primeiro ano.

V.: Como que era diferenciado o trabalho do aluno do terceiro ano, por exemplo, do aluno do segundo?

C.: É, ó, o segundo ano, ele dava orientação e executava a tarefa, não é?, ligada ao paciente. E a do terceiro ano fazia a supervisão e a administração da clínica.

V.: Ah!

C.: Entendeu? Então, era assim, uma seqüência. Quando os alunos do primeiro ano já dominavam, aí ele ia para a execução, não é? E o segundo já ia acompanhar o do terceiro para fazer supervisão para quando o terceiro ano saísse, o do segundo quando passasse para o terceiro saia preparado para fazer a supervisão.

V.: Como é que você avalia essa, esse ensino naquela época e depois da mudança em setenta e um, da década des..., da década de setenta? Logo depois que você formou?

C.: Olha, fica assim muito complicado fazer essa avaliação porque naquela época a gente não tinha o entendimento necessário de cada campo de prática que a gente passava, não é? A gente ficava como prestadora de serviço. A gente não tinha assim, por exemplo: eu estou tendo enfermagem médica agora, eu vou ficar só na enfermagem médica, não é? Na clínica médica, por exemplo. Se precisasse de qualquer clínica do hospital, você teria que ir: na ginecologia, mesmo sem ter tido a disciplina.

V.: Sei.

C.: Porque a gente era prestadora de serviço.

V.: Você quer dizer que eles não se importavam muito com o conteúdo...

C.: Não, teórico não.

V.: Ou prático do trabalho.

C.: Não, não.

V.: A experiência do aluno não era importante...

C.: Não, não era importante. Era importante era a prestação de serviço no hospital. Isso é que era mais importante. E parece é que a gente era preparada para ser (inaudível)

V.: Então o conteúdo teórico era, era mais, superficial?

C.: Era pouca coisa.

V.: Bem mais superficial?

C.: É. Bem mais superficial, tá? Mas a gente tinha assim, uma necessidade muito grande de apren..., então a gente estudava, a gente ia..., por exemplo, quando nós fizemos patologia, foi até o Bogliollo na minha época, quem deu foi o Bogliollo, não é?; o professor Bogliollo. Ele levava a gente para lá, sabe? Para o laboratório dele. Ele mostrava. Tinha lâmina no microscópio. Então essa parte. E tinha muito estudante de medicina que dava aula pra gente, sabe, assim, um aluno de medicina já adiantado. Por exemplo, o Cid Veloso mesmo foi um que deu para a minha turma a parte de cardiologia. E ele como professor, se entusiasmava, fazia cirurgia experimental, levava a gente para ver cirurgia experimental. Aquilo para ele era assim, uma coisa muito importante, ele ser professor de aluno de enfermagem, não é?

V.: Esse relacionamento então, isso daí entre estudante eram...

C.: ...muito bom! Sabe? Inclusive o Diretório Acadêmico era um só. Nós, estudante de enfermagem e medicina era um só, tá?

V.: Ah! sei. E vocês freqüentavam, tinha atividade?

C.: Freqüentávamos. É, inclusive nos momentos de greve a gente também participava. Havia um entrosamento muito grande, sabe?

V.: Teve uma greve boa, importante na sua época?

C.: Na minha época não teve não. Teve na época da Silvana, que é essa foi...

V.: ...você não era mais aluna?

C.: Não era mais aluna. Já era professora.

V.: Tá. Então nós vamos chegar lá.

C.: Da Silvana vocês vão ter oportunidade. Ela participou muito...

V.: Silvana Del Carrilo?

C.: Del Carrilo. É. Essa vai dar um... E a Dôra. A Dôra também vai dar um testemunho muito interessante.

V.: Auxiliadora Córdova.

C.: Córdova.

V.: Formou depois.

C.: É. Ah! Foi depois! Que pena! Acho que foi a Silvana.

V.: Teve alguma transferência de aluna de, do curso de enfermagem para outros cursos na sua época?

C.: Não. O aluno de enfermagem chegava, parece que ele tinha... A enfermagem para ele era aquilo que ele escolheu, tá? Ele mantinha na enfermagem até se formar, tá?

V.: Algumas que desistiam da, da, do curso? Além daquelas que era obrigadas a sair, tinha alguma desistência espontânea?

C.: Muito poucas. Eu não me recordo viu Zídia (cometeu ato falho; se referindo à Valda, entrevistadora), se teve alguma desis... Porque na minha turma não eram todas não, tá? Eu não me recordo.

V.: É. Você falou que a, que as alunas, que a escola prestava serviço à comunidade através da mão-de-obra das alunas, não é?

C.: Da mão-de-obra das alunas.

V.: É, fora desse, desse trabalho extracurricular, algumas, alguém da sua turma, ou você mesma chegou a fazer um trabalho independente dessa escola?

C.: Não.

V.: Como estágio extracurricular?

C.: Não. Não. Não dava.

V.: Não dava nem tempo, não é?

C.: Não dava condição. Se por acaso, acontecia um acidente em Belo Horizonte, se o Pronto Socorro precisasse da gente, era só tocar o telefone para cá, todo mundo punha o uniforme, e saía correndo para saber o que aconteceu. Então a gente tinha esse, essa, essa disponibilidade de prestar assistência, tá? Era muito bom esse trabalho. Aí a gente aprendia, tá?

V.: Era, era bom. Você falou um pouco que a escola participava de, de algumas atividades sociais, não é?

C.: ...e religiosas.

V.: E religiosas. Como é que era? Tinha também a Semana da Enfermagem? Tinha essas comemorações? Aniversário da Escola? Como é que era isso?

C.: Tinha. Quando era o aniversário da escola a gente fazia desfile. A gente tinha desfile! Participava de desfile! Participava do desfile de Sete de Setembro! A gente ia de uniforme.

V.: Uniforme de gala?

C.: É, de gala! Enfermeira, não é? Com a touquinha na cabeça lá, não é? E as três bandeiras! A gente desfilava! A escola participava das festas.

V.: As professoras iam também?

C.: Não, as professoras também. Só que o uniforme das professoras era diferente do nosso.

V.: Destacado.

C.: Era destacado, não é?

V.: E a Semana da Enfermagem? Tinha alguma coisa...

C.: Era palestra, não é? A gente fazia palestra, convidava... Algumas vezes eram os médicos que faziam palestras. Porque não tinha, as enfermeiras não estavam ainda, como hoje, as enfermeiras não estavam preparadas para fazer estas palestras, não é? A gente chamava médico, era assistente social, era advogado que fazia conferência para a gente, tá?

V.: É... No tempo seu do D.A. não tinha ... alguma coisa assim significativa...

C.: ...na minha época não.

V.: Você teve alguma participação?

C.: Não. Foi só depois, não é?

(inaudível)

[silêncio]

V.: Bom... Você se lembra pelo menos de contar, como é que foi a história da anexação da Escola à Faculdade de Medicina? A desanexação você participou. Vamos conversar bastante sobre isso em um outro momento, mais para frente. Mas da anexação, do tempo da Waleska.

C.: Hum, hum.

V.: Que história você ouviu desse tempo da escola antes de você entrar para a escola?

C.: (inaudível) Só de ouvir, não é?, porque eu nem morava aqui.

V.: Isso é. (inaudível)

C.: É porque eu não participei na época não, tá? É, em 1950, para poder a Escola de Medicina ser reconhecida, ela precisava ter ao lado dela uma Escola de Enfermagem. Isso era exigência do Ministério da Educação, não é? É porque a Escola de Enfermagem daqui, ela fazia parte do, do Estado, não é?

V.: Certo.

C.: Da Secretaria de Saúde do Estado. Então a, eles achavam como a única escola que poderia..., e aí já tinha a Hugo Werneck, não é? Mas a única escola que poderia, não é? Não teria nenhum problema de ser anexa à Medicina era a escola do Estado. Então eles passaram a escola, na época que era do Estado para a Faculdade de Medicina. Então ela passou a ser um anexo da Faculdade de Medicina, não é?

V.: Certo. Hum, hum.

C.: Nunca foi uma unidade autônoma, mas um anexo da Faculdade de Medicina. É, o, o orçamento era feito para a Faculdade de Medicina. E a gente é, quando precisava de material a medicina é que comprava e a gente solicitava o que precisava. A gente não, não mantínhamos um orçamento. Nós passamos a ter orçamento a partir de 1968. Mas antes não. Tudo era vindo da medicina. Tanto que muitas vezes eles faziam um orçamento muito grande para a enfermagem e eles gastavam na medicina. (inaudível)

V.: E o tempo da Waleska? Você chegou a conhecê-la? Dela voltar aqui na Escola? (inaudível)

C.: Ela veio várias vezes aqui, a Waleska Paixão. Inclusive nós, nós a homenageamos, fizemos uma homenagem a ela aqui. É, mas eu já era professora da escola, não era aluna não, tá?

V.: Sim. Hum, hum.

C.: Ela veio. Nós estávamos aqui neste prédio. Foi em 75, tá? Mas ela sempre estava aqui. Era ela e Marina Rezende. Eram as duas que mais destacavam.

V.: Pois é eram as duas que mais se destacavam, não é? Nas coisas...

C.: Isso! É, elas acreditavam que a Escola de Enfermagem de Minas Gerais poderia ser aquela escola. Por que ela foi a segunda, não é?

V.: Diretora.

C.: É. Tá. E ela disse que foi a segunda escola do país. Em termos de reconhecimento. Porque antes tem outra. Tem a Alfredo Pinto, não é? Que foi, que é uma das primeiras.

V.: É.

C.: Então elas acreditavam, tanto que elas vinham aqui para poder enxertar energia no grupo, sabe?. E a gente sempre falava com elas assim: “a enfermagem está precisando de um lugar ao sol. Isso pra não falar que era a dona Izaltina, não é? A escola está precisando de um lugar ao sol. A enfermagem está precisando de um lugar ao sol. E elas iam trabalhando exatamente pegando informação daqui e trabalhando lá fora, tá?

V.: Teve um congresso aqui, você já era aluna, em 58,¹ você já era aluna aqui? Congresso Brasileiro?

C.: É. Teve. Teve um em 58 e teve um em 64.

V.: Isso.

C.: Eu participei do de 64.

V.: 58 ainda não...

C.: ...58 eu nem tomei conhecimento. Nem sabia, porque naquela época o aluno como era só trabalhar para o Hospital das Clínicas; a gente não outra dimensão a não ser essa, de trabalho, tá?

V.: Essa, essa participação, essa participação do, do aluno nas atividades do Hospital das Clínicas registrava neles uma certa, um certo isolamento, alienação do aluno em relação as outras coisas que acontecia...

C.: Exato. Hum, hum.

V.: E sua... No seu parecer, acontecia isso com os a..., com os professores também, com os instrutores?

C.: Não. Não acontecia não, tá? O aluno, era assim, era colocado para a gente que o trabalho que a gente executava lá no Hospital das Clínicas era em troca da comida, da roupa lavada que a gente tinha. Então a gente tinha aquilo ali como sendo um trabalho que a gente estava sendo remunerado com a comida e com a roupa, tá? Então a gente sentia, e, e sempre na enfermagem - hoje a gente tem, continua tendo, não é? Então naquela época tinha muita gente sem condições financeiras. Tinha que trabalhar para

¹ Belo Horizonte foi sede do Congresso Brasileiro de Enfermagem em 1955, 1960, 1972, 1984 e 1997.

poder é, sobreviver, não é? E a forma de sobreviver era essa. Era, tendo a comida na escola, tendo a roupa lavada, tá? A gente é, assumia porque a gente recebia...

V.: ...era a troca, não é?

C.: Uma troca.

V.: Nesse período, por exemplo, que as alunas trabalhavam à noite, não tinha enfermeira nenhuma no hospital? Como é que era isso?

C.: Não tinha enfermeira não.

V.: Para onde que iam as alunas formadas até então?

C.: É porque as alunas da, da, do terceiro ano é que davam plantão à noite.

V.: Ah! Sei.

C.: Elas assumiam, não é? Foi a partir de mil novecentos e... Eu me formei em 60; 64 por aí, 63, é que começou a admitir mais enfermeiras no Hospital das Clínicas, porque era assim, isolado. Uma aqui, outra ali. Não tinha quadro de enfermeiros.

V.: Hum, hum. Qual que era o maior campo então, de atividade profissional dos, dos enfermeiros?

C.: No hospital das Clínicas?

V.: Não, não! Dos enfermeiros em geral. Tinha duas escolas de enfermagem, para onde iam os alunos?

C.: É, é, era a Secretaria de Saúde. A Secretaria de Saúde é que absorvia. Nós chegamos uma vez a ter aqui no hos..., aqui no Carlos Chagas, dez enfermeiras. Porque naquela época era a função da enfermeira, fazer visita domiciliar, sabe? Todo o controle de saneamento, vacinação, de infecção, doenças transmissíveis era feito pela enfermeira na visita ao domicílio. Então, eles tinham... Eles admitiam enfermeira para ir fazer visita domiciliar.

V.: Carmelita, alguma professora que tenha se destacado, ou algum professor que tenha se destacado no seu período de aluna?

C.: A dona Izaltina.

V.: A dona Izaltina.

C.: A dona Izaltina.

V.: Ela dava...?

C.: Ela dava doenças transmissíveis, sabe? E dava História da Enfermagem.

V.: Como é que era a dona Izaltina, enquanto professora?

C.: A dona Izaltina era aquela pessoa que era mãe de todo mundo, sabe? Ó, o aluno chegava, ela adotava, sabe? Então, todo mundo tinha um carinho especial pela dona Izaltina, sabe? Por que ela era, era mãe, ela era compreensiva, sabe? Ela orientava. E ela tinha horror às freiras. Então... e ela então, quando ela dava História da Enfermagem, ela dava assim, a História da Enfermagem de uma forma muito emotiva, sabe? Tanto que ela chorava todas as vezes que ela entrava na sala de aula para falar sobre a História da Enfermagem ela chorava. Então ela falava assim: "Já pensou esse pessoal que começou a lapidar para poder nos trazer a situação que nós estamos agora." E ela fazia a ligação e aí ela começava a chorar dessa situação, porque a gente já estava numa situação melhor e, chorando em função de um passado por aquelas pessoas que tiveram que batalhar bastante para chegar em um nível em que estávamos, sabe? Então era assim. Ela, ela se aproximava muito dos alunos, sabe? Ela levava os alunos para a casa dela, sabe?; às vezes. É, ela dava dinheiro para os alunos que tinham dificuldades. Então ela era uma verdadeira mãe para os alunos, sabe?

V.: Hum, hum. Você falou de novo sobre o relacionamento com as freiras.

C.: Hum, hum.

V.: O que mais que as freiras aprontavam tanto assim, que os alunos e professores não gostavam des..., dessa convivência com elas?

C.: É questão de ciúmes porque ela, as alunas se aproximavam mais das professoras leigas do que das freiras. Aí elas tinham ciúmes. Então elas procuravam é, fazer tudo para afastar o aluno daquela professora. Tanto que eu achei interessante quando teve uma turma que eu fui madrinha da braceira. Por que naquela época tinha madrinha da braceira, não é? Em 1960 eu fui a madrinha da braceira de um grupo. E eu fiz um discurso muito assim... Eu tenho esse discurso até hoje lá, sabe? Outro dia eu estava mexendo lá na minha..., ele ainda estava lá. Eu era nova. Eu fiz esse discurso assim, naquela empolgação, querendo mostrar para os alunos que enfermagem era uma coisa maravilhosa do mundo e que as vezes as freiras, elas dificultavam, disputavam as questões da profissão, da enfermagem. Não passava (inaudível)

da Escola de Enfermagem. Porque elas batiam a cabeça para os médicos, não é? Amém, amém, amém. E a gente já estava começando a reagir, não é? Tanto que quando eu acabei de fazer o discurso a, a diretora da escola me perguntou se tinha sido a dona Izaltina se tinha feito o discurso para mim, sabe? Ela achou que eu não teria coragem de fazer aquele discurso. Só que ela...

V.: Recém formada, não é?

C.: ...recém formada, tá? Então o problema era esse. Existia um, mais ciúme, sabe?

V.: Você cederia, esse discurso, esse..., para a gente incorporar posteriormente esse...?

C.: Eu trago. Eu vou procurar. Eu acho que ele está lá.

V.: [risos]

C.: Aí eu trago para vocês, não é?

V.: Então foi difícil esse período todo, não é?

C.: Foi. Muito difícil! Foi um dos mais difíceis da escola, tá?

V.: Você quer falar um pouco para a gente sobre então a sua formatura. Esse período então de, de fim de curso? Organização da, da formatura?

C.: A formatura, ela tinha assim, uma, uma festa muito simples. Uma solenidade. A gente ia lá, recebia o diploma, não é? Não tinha festa, sabe? Porque às vezes a gente tinha que desocupar logo o internato para outra turma entrar, tá? Então era só a entrega do diploma. Tinha uma missa e a entrega do diploma, tá? Uma outra coisa que tinha na escola que... nós tínhamos aula de ginástica. Nós tínhamos uma professora de ginástica, tá? E as nossas aulas eram aqui no Instituto de Educação. A gente ia para lá todo dia cedo, não é? E a professora ia lá dar aula de ginástica pra gente. As próprias freiras sentiam que a gente precisava de, é, dispersar energia, tá? A gente ia para lá, passava um sábado inteirinho lá, sabe? Era interessante. Então a formatura foi isso. Não teve assim, nada de importante. Só a colação de grau, não é? (inaudível) Eu nem sei quem foi homenageado!

V.: [riso]

C.: Você sabe que eu não me lembro mais? Eu acho que foi um professor de Sociologia. Foi sim. Um professor de Sociologia.

V.: Sua família veio, não?

C.: Não.

V.: Foi uma coisa bem simples mesmo, não é?

C.: Foi simples, é. A formatura foi só assim, entregou o diploma e pronto, não é?

V.: Hum, hum. É, alguma colega de turma, você lembra da convivência com elas no estudo? Tem alguém que você se lembra?

C.: Eu me lembro de todas! De todas. Não esqueço delas. De todas! A gente usava... Nós tínhamos primeiro um grupinho de seis. E a gente era assim é, como se fosse escoteiras, não é? E a gente morava no mesmo quarto, sabe? Então nós éramos inseparáveis. É Nair Santos. Nairzinha, não é? É, essa que trabalha na Petrobrás, Maria da Conceição. A Neide Bandeira que está em Brasília. A Helena [Martins Bernardino] também, não é?, ela está em Brasília. A, tinha uma, uma ex-freira que é da, amiga da Alaíde [Esteves Lima] E a [Elisa] Flora que trabalhava no Hospital das Clínicas, tá? Mas o nosso grupo, apesar de grande, a gente se entrosava muito bem, sabe. Muito bom. É, inclusive ess..., essas seis eram as minhas amigas, não é?

V.: E depois se formaram, continuaram...

C.: ...é. Nós continuamos, saíamos. A pouco tempos nós comemoramos até a forma..., nossa formatura quando grupo, não é? E nós continuamos encontrando até hoje, não é? Com a Nair eu me encontro. A, as outras que estão fora eu não sei. Mas a que eu mais tenho contato é com a Nair.

V.: Com a Naizinha?

C.: Com a Nairzinha. É.

V.: Carmelita, você falou logo no iniciozinho, que você era mãe de seis?

C.: Cinco.

V.: Cinco filhos adotivos?

C.: É, eu. Exato.

V.: Isso foi mais tarde que você adotou as crianças?

C.: Foi a partir de 1976.

V.: Ah! sim.

C.: Foi bem mais tarde.

V.: Chega... depois a gente chega lá pra gente conversar.

C.: É. Foi em 76. Agora, antes aí nesse período anh..., (inaudível) alguma coisa, tinha a Maria do Rosário Barros. ... Maria do Rosário Barros. Ela morava conosco na Cruz Vermelha Brasileira, no Internato.

V.: Enquan...? Era professora e morava lá?

C.: Morava lá. Ela tomava conta da gente. Era ecôn... Igual à dona Jojoca? Então ela era a responsável, a Maria do Rosário. Ela era responsável pela a gente. Ela tinha televisão no quarto. Ela era assim, uma pessoa muito chique, não é? Ela não se preocupava muito com aluno não, sabe? Então ela ficava lá, não é? Mas ela não podia fazer nada, porque ela tinha diabetes e tinha princípio de angina, sabe? E ela... Então de noite a gente ia lá para lá, para o quarto dela assistir televisão. Foi a primeira vez que eu vi televisão na minha vida.

V.: Foi com ela.

C.: E ela deixava a gente entrar. Ela era muito agradável. Também foi outra pessoa que sobressaiu junto com a dona Izaltina. Eu já falei que era só dona Izaltina, mas a Maria do Rosário também. Eu agora eu já lembrei dela. Então ela foi uma pessoa assim, muito ami... Ela era muito amiga da gente, tá?

V.: Hum, hum. Você falou antes da dona Daura. A dona Daura era da biblioteca.

C.: O convívio dela conosco era muito pequeno, tá? Agora, depois que eu entrei para a direção da escola, que eu comecei a freqüentar a casa dela. Dava assistência para a dona Daura, tá? E, eu ia muito na casa dela, tá. Mas antes não. Antes a dona Daura era mais isolada, sabe? Ela não tinha muita ligação com as outras. Ela era a que tinha mais pavor das freiras. Então aonde ela podia chegar e falar das freiras ela falava, sabe? Descia a ripa nas freiras. [risos] Vocês já entrevistaram a dona Daura?

V.: Já.

C.: Descia a ripa nas freiras, tá?

V.: Todas falam. Todas sofreram muito com as freiras.

C.: A dona Daura, coitada! Só você vendo! Ela deve ter contado coisas aí mirabolantes, não é?

[FINAL DA FITA 1 LADO B]

FITA 2 LADO A

Valda: Começando agora, né? A partir de 60, quando você começou a, a trabalhar como enfermeira. Como é que foi esse início de carreira?

Carmelita: É, eu havia colocado pra vocês que eu tive dois convites quando eu me formei, né? Um para trabalhar como enfermeira do Hospital das Clínicas, é no 4º andar, inclusive na Clínica Médica, e outro para trabalhar na Escola de Enfermagem. E, após assim, uma série de reflexões, eu decidi ficar na Escola de Enfermagem. Se você me perguntar porque, eu não sei, né? (Risos). Como é que, eu não sei se tinha alguma coisa encaminhada. E quando eu assumi, eu era instrutor de ensino, naquela época existia instrutor de ensino da Faculdade de Medicina na Escola de Enfermagem. E toda professora lá da Escola, não era propriamente da Escola, era admitida na Faculdade de Medicina e era colocado aqui na Escola de Enfermagem. É, a primeira coisa que fizeram foi a, a, me mandaram para Pirapora para fazer um estágio na Fundação SESP. Eu teria que assumir a disciplina Enfermagem de Saúde Pública, que naquela época era dada pelo pessoal da Fundação Serviço Especial de Saúde Pública. Era Valderez Borges e a Maria Tereza Mendonça. Elas davam então essa disciplina aqui. Eu fui fazer estágio lá, passei três meses em Pirapora, acompanhando lá todo o trabalho da Fundação SESP. Eu não sei porque a Escola queria seguir a mesma linha da Fundação SESP, né? Naquela época era o modelo que existia em termo de Saúde Pública era a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública.

V.: No Brasil, né?

C.: É, no Brasil, né? E eu fui pra lá, fiquei e acompanhei o trabalho todo do pessoal. Foi uma experiência assim, bastante rica, né? E retornando, é...

Estelina: Você foi sozinha, sem aluno?

C.: Sozinha, sem aluno, para fazer o estágio. E depois desse período eu vim e assumi a Enfermagem de Saúde Pública, utilizando o campo de, de trabalho lá no, nas Obras Sociais do Padre Agnaldo, que hoje eu não sei se ainda existe essa..., onde funciona o Tia Amância, [posto de saúde] do Estado. Eu ainda não sei se funciona como Obras Sociais do Padre Agnaldo. E lá a gente fazia um trabalho com as alunas é, nas favelas, a gente fazia o atendimento no Posto e fazia o atendimento nas favelas. Eu ficava com

o pessoal daqui e a Maria José Silva ficava com o pessoal, pessoal lá da Hugo Werneck, né? E como a Maria José saiu em 1961, para fazer especialização, eu assumi as alunas da Hugo Werneck, naquela época, né? Então eu fiquei com o pessoal da Hugo Werneck, da Escola de Enfermagem e da Cruz Vermelha, porque eu também era professora da Escola, da Cruz Vermelha, acompanhando o pessoal em estágio de Saúde Pública. Aí as alunas de Enfermagem me ajudavam com o pessoal auxiliar. Aí a gente fazia um trabalho mais ou menos integrado, né? Depois, mas mesmo eu é, acompanhando as alunas de Enfermagem em Saúde Pública, pelo número pequeno de professores na Escola, eu também acompanhava outras disciplinas, né? Então eu ó, no Pronto Socorro, né?, a gente tinha que acompanhar, oftalmologia, naquela época a gente tinha oftalmologia na Escola de Enfermagem, otorrinolaringologia, administração, eu que ajudava, obstetrícia eu que ajudava, não é? A gente não tinha ainda, pessoal suficiente. E, eu acho também, assim, que era uma pre..., uma pretensão muito grande a gente querer. Mas a formação que a gente recebeu, dava para acompanhar o aluno em qualquer campo que ele estivesse. A gente não tinha especialização, não é? Porque são campos exclusivos, não é?, para fazer aquela tarefa (barulho). Aí a partir é, de 1962, aí eu saí pra fazer especialização, não é, em São Paulo:

V.: Só uma questão, antes disso. Na época que você trabalhou nas duas escolas, aquela rixa, aquela competição que existia anteriormente já tinha terminado? Como é que era isso?

C.: Ainda continuava, tá?

V.: Como é que você conseguiu ser professora das duas escolas?

C.: É, é, não foi fácil, porque existia aquela colocação de que eu tinha tendência de proteger as alunas da Escola de Enfermagem da Universidade Federal, não é? E não existia isso, mas os próprios alunos, pela desavença que existia entre os dois, entre as duas escolas, automaticamente era colocado que a minha tendência era proteger. Sem querer a gente protege os alunos da escola da gente, né? Essa é uma tendência natural. Mas melhorou bastante, sabe? Por que aí as alunas começaram a sentir que o, o objetivo na realidade não era de escolas, mas o objetivo era mais de aprendizagem, não é?, e assim esse problema realmente acabou, não é? É, em 61, inclusive eu

acompanhava as alunas no Internato, eu tomava conta do Internato, né?, lá em cima na Avenida Getúlio Vargas, né?[n.º 167] (ruídos). É, e lá, a gente vinha todos os dias na Coramina (inaudível, ruídos) nosso carrinho (inaudível) amenizava as caminhadas da gente, né?, porque anteriormente as alunas andavam em bonde em Belo Horizonte, não é? Aí, mas nessa época a gente já tinha a Coramina. Então a gente vinha todo dia cedo, acordava cedo, servia o café, naquela época a Escola tinha, né? Dava pras alunas café, dava almoço. Tudo era responsabilidade da Escola de Enfermagem. E a gente vinha, ficavam as funcionárias lá. As alunas tomavam refeição aqui na cozinha do Hospital das Clínicas. Naquela época tinha uma cozinha enorme no Hospital das Clínicas, né?, na parte de baixo. E almoçava, e depois tinham aula. De manhã era estágio, e a tarde aula. À noite é que elas estavam de plantão também, e aí a gente acompanhava. Às vezes acompanhava alunas em campos que a gente não tinha o preparo para aquilo, mas era obrigado a acompanhar o aluno pelo número reduzido de professores. Em 60, e aí eu saí para fazer especialização em Saúde Pública, e já prevendo o seguinte: que eu precisava melhorar os meus conhecimentos para acompanhar o aluno, né? E fui fazer especialização.

E.: Em que ano?

C.: Hein? Foi em 61, né? Em 61. Aí eu fiz especialização e, passei um ano em São Paulo, na Faculdade de Saúde Pública, não é? Convivi com as enfermeiras de lá, inclusive, naquela..., eu me senti assim, muito pequena em relação ao pessoal que, tinha uma fama muito grande. São Paulo era a, o apogeu da Enfermagem e me deixava lá em baixo. A gente estava começando, não é? Com muita dificuldade. E a Faculdade de Medicina também não dava assim, um certo apoio pro pessoal, para sair. Então eu tenho a impressão que eu fui a primeira pessoa a sair para fazer especialização, na Escola de Enfermagem. Foi em 61. A partir daí o pessoal começou a sair, né?

E.: Deixa eu te perguntar uma coisa. Você falou que se sentiu meio...

C.: Pequena.

E.: Eu queria detalhar assim, alguma coisa, um fato que, que, que te feriu..., que te fazia sentir isso. Como é que você sentia essa, essa diferença?

C.: Essa diferença, porque em São Paulo a, as enfermeiras não têm o menor, igual a gente que, você chegava..., como a gente chega hoje na sala, entra e “fulano, você está

bem?” Lá não, você tinha que marcar o horário pra falar com qualquer professor, não é? Não tinha aquela facilidade de chegar e entrar. Aquela amizade, aquela aproximação, né? E além disso, a gente, eu achava assim, que em termos de conhecimento a gente estava muito assim na..., depois que eu descobri que não, né? Como aqui a Escola era uma Escola que não tinha é, curso de especialização, nem de pós-graduação, porque naquela época existia em São Paulo, automaticamente colocava a gente numa situação inferior, não é? E isso foi difícil. Uma barreira muito difícil, porque a, eu tentei me aproximar do pessoal da Escola de Enfermagem e eu não consegui naquela época, sabe? Em 61. Ê, a, se na Faculdade de Saúde Pública a comunicação era difícil, na Escola de Enfermagem era muito mais. Então pra você aproximar de uma Amália Correia, de uma Anaíde Carvalho, de uma Maria Rosa Souza Pinheiro, era... Então eu me senti pequena diante das pessoas que eram a representação da Enfermagem no Brasil, não é? E eu, exatamente estava tentando caminhar nessa direção. E nesse período também, eu conheci a Marina Resende, que era enfermeira formada na Sourbonne, na França e, ela começou a me estimular.² Então ela falava: “não, não é isso.” E aí eu tomei a Marina como modelo, naquela época a Marina era a minha modelo. Porque qualquer dificuldade que eu tinha, eu tocava o telefone pra ela, e aí ela fazia, ela me orientava, sabe? Quando eu voltei, em dezembro, aí nós começamos a preparar a mudança da Escola de enfermagem de lá da, da Getúlio Vargas praqui, para esse prédio, não é? Quer dizer, era a irmã Emília, que era diretora da Escola de Enfermagem nessa época, a ma..., a pessoa assim que mais aproximava dela era eu, porque as outras tinham verdadeiro pavor da, da irmã Emília, né? como se a irmã Emília fosse a anti-cristo aqui na Escola de Enfermagem, porque realmente ela era bem rígida, né?

V.: Não era só pela rigidez que ela, ela apavorava assim, as pessoas?

C.: Só pela rigidez. Então ela era assim, muito rígida. Ela devia ter assim, as suas razões de ser rígida, não é? Nós tínhamos a dona Izaltina que era professora. Ela não aceitava muito bem a irmã Emília, nos tínhamos também a dona Daura, que tinha horror á irmã Emília. Ela deve ter colocado na entrevista dela, né? (risos). Nós

² Marina se formou em enfermagem nos Estados Unidos da América e fez pós graduação na Sorbonne.